

## Brasil “sonhado” e Brasil real: impressões e experiências de imigrantes haitianos

*“Dreamed” versus real Brazil: impressions and experiences from Haitian immigrants*

Táise Staudt\*

Palavras-chave:  
Migrações contemporâneas  
Mobilidade Haitiana  
Haitianos no Brasil

Resumo: O processo migratório que ocorreu do Haiti ao Brasil principalmente durante a década de 2010 é um tema crescentemente explorado em pesquisas no Brasil. Neste texto, busco salientar as impressões de imigrantes haitianos sobre o Brasil, antes e depois do seu processo de mobilidade, evidenciando o que conheciam e o que conheceram do Brasil e dos(as) brasileiros(as): o “Brasil sonhado” e o Brasil real. Realizo estas análises a partir de entrevistas realizadas com imigrantes haitianos que vivem no Brasil, em pesquisa realizada durante os anos de 2020-2022, em diálogo com referências literárias tanto brasileiras como haitianas. Os resultados demonstram que o Brasil conhecido antes do processo de migração é um Brasil mais negro, receptivo, mais próximo culturalmente do Haiti do que aquele encontrado na chegada. O Brasil real demonstra-se ainda com muitos preconceitos e estruturas coloniais baseadas no racismo. Dessa forma, discuto como os estudos dos processos migratórios são relevantes também na medida em que acontece a circularidade de conhecimentos e culturas que tornam possível observar diferentes realidades a partir da perspectiva dos sujeitos migrantes.

Keywords:  
Contemporary migrations  
Haitian Mobility  
Haitians in Brazil

Abstract: The migratory process that took place from Haiti to Brazil, especially during the 2010's, is a topic increasingly explored in research in Brazil. At this text, I seek to highlight Haitian impression about Brazil, before and after their mobility process, pointing what they had known and that they knew about Brazil and Brazilian people: the real versus the “dream”. I carry out these analyses based on interviews with Haitian immigrants living in Brazil, during the years 2020-2022, in dialogue with both Brazilian and Haitian literary references. Results show Brazil known before the migration process is more black, receptive and culturally closer to Haiti than country found in their arrival. Real Brazil shows itself with several prejudices and colonial structures based on racism. Thus, I discuss how the studies of migratory processes are also relevant insofar as there is a circularity of knowledge and cultures that make it possible to observe different realities from the perspective of migrant subjects.

Recebido em 1º de novembro de 2022. Aprovado em 24 de março de 2023.

### Introdução

As experiências de mobilidades nas sociedades humanas ao longo dos séculos, infelizmente, estão atreladas a histórias de violência, de perseguições, de intolerância e de fome. Mas os sujeitos que migram não carregam apenas estas marcas: carregam consigo mundos, vastidões de gerações em conhecimento e em cultura. A migração ao longo da história é o que gera o encontro, ver o outro na sua completude e,

por consequência, repensar a si mesmo. Quando falamos em movimento, seja de sujeitos ou de ideias, estamos falando de contatos, de trocas e de transformação. É neste contexto que podem ser classificadas as experiências de mobilidade ao longo do tempo: apesar de variadas motivações para que a migração aconteça, ela gera movimento, que é humano, de conhecimentos, cultural, linguístico, artístico, transformador.

Neste artigo, irei trabalhar as impressões de imigrantes haitianos que vivem no Brasil

\* Mestra em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: [taisesta@gmail.com](mailto:taisesta@gmail.com).

atualmente, observando como se dão as indicações sobre o Brasil no país caribenho, como o Brasil chega até o Haiti através da mídia, de redes sociais, ou de outras formas. Também, por outro lado, como esse Brasil conhecido antes é diferente (ou não) daquele que essas pessoas encontraram quando aqui chegaram. As falas dos(as) entrevistados(as) dizem muito sobre o próprio Haiti, mas nos dizem mais ainda sobre o Brasil, a partir do olhar do outro, que agora chega para compartilhar conosco deste espaço territorial e social.

Este texto é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 2020 e 2022, onde foram entrevistados oito imigrantes haitianos que vivem em diferentes lugares do Brasil, mas estão mais concentrados atualmente na região sul do país. A pesquisa, que buscou entender a relação dos imigrantes com a literatura<sup>1</sup>, trouxe possibilidades de compreender também outros aspectos relacionados com o trânsito das mobilidades, e um deles é de entender como a mobilidade é uma das formas de circulação de conhecimento, de entender e conhecer o outro e de olhar e conhecer a si. A literatura, como instrumento de produção cultural e artística, mas também como forma de representar e de mediar as relações com o mundo, caminha de forma conjunta com as entrevistas e referenciais teóricos nos temas debatidos aqui (STAUDT, 2022).

É importante ressaltar que a literatura haitiana pensada aqui através das entrevistas, na sua relação com as percepções dos entrevistados sobre suas experiências de mobilidade e no Brasil, pode ser considerada instrumento utilizado pela comunidade migrante para levar o “seu lugar” para todos os lugares por onde passa compartilhando suas visões de mundo. Podemos ver como exemplo obras dos autores haitianos Dany Laferrière, Yanick Lahens e Jacques Roumain, considerados extremamente importantes para a sociedade haitiana, citadas por eles como fundamentais para conhecer o Haiti sem necessariamente ir para lá. Para o diálogo Haiti-Brasil, utilizo também de autores literários brasileiros, como Conceição Evaristo e Itamar Vieira Júnior para aproximar e reflexionar sobre as realidades e culturas em contato.

As pessoas entrevistadas nesta pesquisa, por um conjunto de condições, são um grupo pequeno, com determinadas condições ainda no Haiti (que tiveram acesso aos estudos), acesso a nível superior de educação no Brasil e que falam português muito bem. Ressalto, desde já, que não expressam as interpretações ou condições do número gigantesco e imensurável de haitianos e haitianas que estão ou passaram pelo Brasil. No entanto, é um grupo pequeno que nos dá possibilidade de interessantes reflexões sobre esse movimento de encontro entre Haiti e Brasil em território brasileiro, e possibilita reflexões muito interessantes da perspectiva do sujeito em mobilidade, sobre suas bagagens culturais e intelectuais do Haiti, e suas percepções sobre o país no qual chegou, no movimento de conhecer a si e o outro.

Nesse sentido, ressalto que meus focos neste texto estão vinculados à escuta: refletir e dialogar diretamente com as falas dos entrevistados, observando como elas podem nos dar um olhar diferente para o processo de mobilidade e socialização. Parto da reflexão de que movimentos migratórios contemporâneos carregam características de transportar vastos universos culturais e colocá-los em contatos com outros destes universos, o que possibilita comparação e diferenciação, mas também aproximação e adequação. Assim, proponho dialogar aqui com os universos culturais que envolvem o encontro entre o Haiti e o Brasil através deste processo migratório contemporâneo, salientando como esse movimento mostra a aproximação entre o Caribe e o Brasil na mesma medida em que evidencia a nossa história colonial e os reflexos dessa violenta fase de nossa história Latino-Americana e Caribenha.

## **Mobilidade haitiana no Brasil na década de 2010: o movimento**

A expressiva presença haitiana no Brasil na última década despertou uma série de reflexões em relação às migrações contemporâneas e ao impacto delas, tanto no país de emigração, o Haiti, quanto no país de chegada, o Brasil. Para compreender esses processos migratórios contemporâneos ligados ao

Haiti e a outros países caribenhos, é necessário, inicialmente, pontuar que a migração é uma estratégia elaborada pelas populações caribenhas desde a época colonial, uma das táticas de reinvenção e sobrevivência realizada por populações negras que haviam sido bruscamente arrancadas de seus lugares, arrastadas para além mar, longe de tudo que conheciam como pertencimento.

Assim, a comunidade haitiana migra há muito tempo. A mobilidade está profundamente atrelada ao país e ao Caribe como estratégia de sobrevivência e de acesso, uma característica identitária onde os binarismos e as ideias de pureza – os daqui e os de fora – estabelecidas pelas culturas eurocêntricas, não cabe. A noção e o sentimento de pertencimento são muito mais complexos do que o lugar físico no qual o sujeito se encontra: pertencer não está, necessariamente, relacionado ao território.

A identidade caribenha é múltipla e pode se sentir em casa enquanto está em trânsito, como Stuart Hall (2013) pontua; os hibridismos relacionados à diáspora caribenha envolvem muito mais do que um lugar que se deixa e outro onde se chega, é um movimento cultural. O autor comenta como, na contemporaneidade, os movimentos migratórios realizam transformações e polarizações culturais:

Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estado-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. (HALL, 2013, p. 49-50).

Diante das dinâmicas de mobilidade estabelecidas pelos e pelas haitianas, existem critérios a serem avaliados antes de se planejar uma empreitada para outro país, pois é um investimento caro, que envolve um grupo grande de pessoas – entre familiares, amigos, vizinhos – que colaboram para que a viagem seja possível e que também aguardam os retornos positivos dela.

A dinâmica desta mobilidade envolve as pessoas que ficam no Haiti assim como as que viajam. E é deste deslocamento que, muitas vezes, se espera um retorno financeiro que poderá tornar possível suprir as necessidades básicas do dia a dia no Haiti.

A decisão (e também a escolha) de quem viaja é pragmática, algumas características do candidato são levadas em conta pelos familiares. A pesquisa sugere, conforme o estatuto da família, as decisões migratórias se diferenciam. Por exemplo, alguns parentes residentes *aletranje*<sup>2</sup>, para decidir quem vão “mandar buscar” primeiro (na cronologia), levam em conta as condições de possibilidade de inserção rápida do viajante no mercado de trabalho *aletranje* e, também, se este possui um espírito coletivo, de respeitabilidade, para guardar a reputação da família, se é generoso para cumprir com as obrigações com aqueles que ficaram, não deixar de participar da vida ativa familiar, tanto entre os que estão na Diáspora quanto entre os que ficam no Haiti. (HANDERSON, 2015a, p. 185).

Serão apresentadas aqui algumas das condições políticas, econômicas e sociais que tiveram influências sobre o processo de mobilidade haitiana a partir de 2010 e como o Brasil acaba entrando na dinâmica como uma possibilidade de passagem. No entanto, é necessário ressaltar que, para a comunidade haitiana, esses movimentos migratórios vão muito além destes segmentos. A diáspora haitiana é um elemento profundo na sociedade, está presente em todos os segmentos culturais e estruturais do Haiti. A imigração haitiana não pode, definitivamente, ser vista a partir do Brasil e sua economia ou política. A mobilidade haitiana é, por si só, um movimento extremamente elaborado e complexo na sociedade, onde o Brasil, no momento da década de 2010, foi apenas um lugar de passagem, uma tentativa, entre diversas outras. Para exemplificar como a diáspora (como termo e como movimento) está profundamente enraizada na comunidade haitiana, podemos observar outra passagem do antropólogo Joseph Handerson

(2015b, p. 60-61) de como o termo e os papéis familiares estão baseados no processo diaspórico:

Há uma relação indissociável entre família e diáspora. Mais do que enviar dinheiro e objeto, muitos daqueles no Haiti esperam do viajante *fil* (solicitar visto permanente para familiares próximos, pais, filhos e irmãos), “mandar buscar” (*voye chèche*); “entrar” (*antre*) alguns dos que ficaram. Esses verbos são utilizados e conjugados para descrever um “dever” (talvez o principal) de quem viaja. É comum a primeira pergunta feita a uma pessoa diáspora no Haiti: “quando vai ‘mandar buscar’ seu irmão?” (*kilè w’ap voye chèche frè’w la?*); “quando vai ‘entrar’ sua mãe?” (*kilè w’ap antre manman’w?*); “quando vai ‘fil’ para seus filhos?” (*kilè w’ap fi l pou pitit ou yo?*). Os verbos *fil*, *voye chèche* e *antre* em créole podem ser utilizados tanto para as viagens por meio legal de uma solicitação de visto quanto para uma viagem clandestina financiada. É comum a pessoa diáspora receber críticas de alguém no Haiti por residir dez anos ou mais *aletranje* [exterior] tendo filhos, irmãos ou pais no Haiti. Entrar, *fil*, mandar buscar algum membro da família constitui um valor moral da pessoa diáspora, é honrar a família diante dos vizinhos e dos familiares.

O Brasil, apesar de ser um destino de alguns imigrantes haitianos já há algumas décadas, nunca havia recebido um considerável contingente de imigrantes em um curto período de tempo, como aconteceu na década de 2010. Diversos fatores influenciaram para que esse processo ocorresse naquele momento histórico, e um dos principais está atrelado à questão econômica. O grande objetivo da maioria das correntes migratórias haitianas é a busca de emprego em países que possuam melhores condições econômicas, garantindo melhores pagamentos. O Brasil sempre foi considerado um país emergente economicamente, mas não uma potência se comparada a países europeus ou do norte da América. O Brasil, como país Latino-Americano, não possuía estrutura econômica que atraísse a comunidade migrante.

Poucos anos antes do início da migração haitiana em massa para o Brasil, em 2006, o entrevistado Alexi (2021)<sup>3</sup> já estava vindo para o Brasil, e explica como a decisão de vir ao país foi vista como ousada por sua família e seus amigos. Ele diz que “[...] todo mundo me achava louco naquela época, porque nenhum haitiano via o Brasil como um potencial. Porque geralmente os haitianos vão para os EUA, Canadá, ou França, ou eventualmente República Dominicana, que é mais perto”, mas não para o Brasil, pois a moeda brasileira não era valorizada e, apesar de estar crescendo, era ainda um país com poucas oportunidades.

A situação econômica do Brasil estava em ascensão no início da década seguinte, 2010, com um crescimento das grandes indústrias e também das de menor produção, o que passou a ser mediatizado como um Brasil gerador de empregos, um país com políticas públicas melhoradas e com moeda mais valorizada. Em reportagem da BBC no início de 2011, é reportado como, no ano de 2010, o PIB brasileiro cresceu 7,5%, superando grandes potências internacionais. A reportagem diz que “[...] na comparação com o resultado do PIB de outros países em 2010, a alta do Brasil é superior à dos Estados Unidos, que foi de 2,8%, e da União Europeia, com 1,7%” (BBC NEWS BRASIL, 2011). A situação econômica favorável do Brasil criou também, nas grandes indústrias, a demanda por mão de obra barata, aumentando o interesse dos próprios empresários na contratação de estrangeiros.

Somada a essa situação, aconteceu no Haiti a precarização das condições de vida, principalmente de emprego, após o terremoto de 2010 que ocorreu quando o país já passava por grande dificuldade, reflexo das condições de empobrecimento e de diversas sucessivas crises econômicas e políticas<sup>4</sup>. Com essa união de circunstâncias, a Resolução nº 97, de 12 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Imigração, facilitou a regularização dos imigrantes haitianos no Brasil, acelerando o processo de realização de documentos e tornando o Brasil um lugar que ofertava empregos e que garantia a legalização mais rápida do imigrante haitiano (BRASIL, 2012).

Essas características colocaram o Brasil como um dos principais destinos dos haitianos na primeira metade da década de 2010, mas isso não significava que as condições em que essa população vivia no Brasil era confortável. O entrevistado Joseph realizou uma pesquisa relacionada a esta área na graduação e trouxe alguns relatos durante a entrevista:

Então, o Brasil teve que se abrir também pra receber um monte de migrantes. Força de trabalho barata, porque ia acontecer jogos olímpicos, copa do mundo, precisava de gente pra trabalhar, e também tinha uma alta demanda pra abastecer o mercado internacional em carne bovina, suína, em frango. E eles precisavam de gente, né? O setor financeiro brasileiro precisava de mão de obra mais estável porque, eu diria, que os brasileiros entravam e saíam, não tinha uma reta constante no trabalho. Então, eles precisavam de gente mais precária, né? Eles alojavam essas pessoas e, por consequência, essa mão de obra vai ser constante. É por isso que quando os haitianos vêm, cruzando a fronteira pra chegar no Acre, eles entram e já tem ônibus esperando pra levar pros frigoríficos, e já dão lugar pra morar. Na verdade, não dão lugar, eles pagam o lugar. A diretoria do frigorífico, né, sede o lugar. Eles moram ali. Então, eles sabem que tem essa força de trabalho. Essa força de trabalho vai responder, de certa forma, as altas demandas do mercado nacional e internacional, e são pessoas que estavam vivendo em lugares críticos, né? Dezesete pessoas por um banheiro, segundo a pesquisa que eu fiz. Sabe, eu pessoalmente, eu não cheguei a trabalhar assim, no Brasil, com carteira assinada. Mas eu trabalhei, eu dava aulas, essas coisas aí. Mas, enfim... Então, essa decisão de vir pro Brasil é uma decisão que vem das condições estruturais e conjunturais do Haiti. (Entrevistado Joseph, 2021).

As condições estruturais do Haiti no início da década de 2010 geraram uma necessidade de migração para subsistência que fosse a mais imediata possível, e o Brasil, naquele momento,

também via interesses na chegada da comunidade migrante.

Para além das questões mais estruturais e econômicas, outro fator é lembrado pelos entrevistados quando comentam sobre a decisão de vir para o Brasil, que é a questão da “irmandade” que sentem entre os países, do afeto que os haitianos nutrem pelo Brasil através das similaridades: países que, enquanto colonizados, receberam uma quantidade muito grande de população africana escravizada, e que os países, apesar de diferentes processos históricos, têm uma forte ligação ancestral com o continente africano e os traços culturais que resistiram.

A ideia de migrar para um país com essas características parecidas com as do Haiti era confortável, uma possibilidade de se sentirem mais próximos de sua própria cultura. Dessa forma, a migração haitiana para o Brasil a partir de 2010 está atrelada às questões estruturais e conjunturais do Haiti, às questões econômicas no Brasil e possui, ainda, uma dimensão afetiva, familiar e ancestral. Nas palavras do entrevistado Alexi (2021), “[...] pela aproximação cultural pelo Brasil, eu pensei ‘ah, bah! O Brasil, acho que a gente teria um pouco mais a ver com essa herança africana e tal’... E escolhi vir para cá”.

Uma das questões que mais se destaca nas entrevistas, quando se fala em Brasil, é a dimensão do Brasil que se imagina encontrar, aquele formado no imaginário quando ainda viviam no Haiti. Busco aqui, a partir destas entrevistas e da perspectiva dos imigrantes haitianos, dimensionar o Brasil neste imaginário das dinâmicas migratórias haitianas, entendendo o que esperavam encontrar por território brasileiro, o que chamo aqui de “Brasil sonhado”. Na mesma medida, os entrevistados ressaltaram, durante as entrevistas, as dificuldades que encontraram quando chegaram ao território brasileiro, no que tange à integração, à sociabilidade, às trocas culturais etc. O Brasil que os entrevistados relatam que encontram e conhecem quando chegam, quando tocam e vivem a realidade, é que chamo aqui de Brasil real.

## Brasil Real e “Sonhado”

Para a realização dessas nomenclaturas (Brasil sonhado e real), inspiro-me na obra literária *País sem Chapéu* (2011), do haitiano Dany Laferrière, que divide o livro em momentos que se passam no País real e no País sonhado, ambos no Haiti, convivendo e ocupando o mesmo espaço. Segundo a pesquisadora e tradutora de Laferrière, Heloisa Moreira, o país real retrata o dia, um registro das atividades que percorrem Porto Príncipe, capital do Haiti, uma cidade complexa, política, ativa, um Haiti sem exotização superficial. Nos capítulos do país real, Laferrière porta-se mais como um narrador, sem intenção de explicar a realidade, apenas registrar a sequência de fatos. Já nos capítulos de país sonhado, eles cabem à noite, são os capítulos completos de misticismo, sobre zumbis, as divindades do vodu e a relação íntima que os haitianos possuem com a morte. Quando nas partes do país sonhado, o autor se posiciona mais como um contador de história, como na cultura oral haitiana. Assim, “[...] se o dia é dedicado à sobrevivência, ao presente, à noite é dos zumbis, dos fantasmas: ‘O dia para o Ocidente. A noite para a África’. A África seria o lado mítico, a herança dos antepassados” (LAFERRIÈRE, 2011, p. 233-234).

Édouard Glissant, importante intelectual e literato caribenho, publicou em 1985 uma obra denominada *Pays rêvé, pays réel*, no qual também é provável que Laferrière se inspirou nas nomenclaturas de sua obra. Glissant fala nesta obra poética sobre as formas de observar a sua realidade caribenha e a do seu país, Martinica, nas perspectivas reais, aquelas da realidade dura, complexa, violenta, e da parte sonhada, que se imagina, busca e que está relacionada ao ancestral, com a África. Ele diz: “Este país sonhado é, sem dúvidas, aquele com que todos os homens sonham, em comparação com aquele em que vive. Aqui, neste caso, este país sonhado é a África, com a qual mais um Antilhano sonhou, e este país real, para este poeta, é a Martinica” (GLISSANT, 1985a, p. 170)<sup>5</sup>.

Nesse sentido, utilizo o mesmo jogo de palavras dos caribenhos para me referir agora à

reflexão realizada pelos entrevistados durante as entrevistas, pois eles se referem ao Brasil como dois universos distintos, que ocupam o mesmo lugar: um deles é o Brasil que chegava até o Haiti, um Brasil imaginado a partir daquilo que era possível ver de lá, aquele em que alguns planejaram seus futuros ou passagens a partir de 2010. O outro Brasil, que eles encontram quando chegam, se mostra muito diferente daquele conhecido e imaginado, no qual precisam agora encontrar formas de continuar seus caminhos e sonhos, o Brasil real. Essas características sobre o Brasil não são necessariamente iguais em todas as entrevistas, mas algumas delas percorrem todas as falas e, aqui, eu me atenho a refletir sobre elas.

Antes de aprofundarmos a discussão, é importante salientar que o Brasil nunca foi um grande objetivo, um país realmente sonhado para a comunidade haitiana. O que se pode caracterizar como um sonho na cultura haitiana é deixar o Haiti: sair do país é considerada uma das poucas e raras formas de alcançar uma vida melhor, uma vez que gerações e gerações crescem aprendendo sobre o que é necessário para viver em outros países, sobre as dinâmicas para uma mobilidade de sucesso, sobre alcançar estudos e condições básicas de vida, difíceis de alcançar no Haiti, em outros lugares. Conseguir emigrar é um orgulho, pois a chance de melhorar a vida de quem migra e de quem fica, aumenta consideravelmente.

Brasil foi um destino por abrir as portas em momentos que outros lugares, como a Guiana Francesa e os Estados Unidos, fecharam as suas portas para os haitianos. O termo sonhado aqui, nas reflexões sobre o Brasil, não tem este sentido literal de um lugar que a comunidade haitiana sonha vir. Sonhado é uma forma de dialogar com os autores caribenhos que querem mostrar duas faces de um mesmo lugar, dois universos que habitam um espaço, duas faces de um mesmo país. Sonhado, por fim, não é ver o Brasil como um paraíso, um objetivo, um sonho, e sim, uma forma literária de dizer que o Brasil que chega ao restante do mundo, muitas vezes, não é o mesmo que se encontra por aqui, na realidade do dia a dia<sup>6</sup>.

## “Brasil sonhado”: o país miscigenado do futebol e da alegria

O Brasil que chegava à comunidade haitiana antes de vir ao país vem sempre atrelado a uma característica: o futebol. O futebol brasileiro é uma das grandes paixões de muitos haitianos e um dos afetos que também influenciou quando o Brasil se tornou um lugar possível de migrar. Na experiência do entrevistado Joseph, desde criança a relação afetiva que possui com o Brasil é mediada pelo futebol:

Eu conheci o Brasil pelo futebol. Eu tenho uma relação afetiva com o futebol do Brasil. Eu me lembro, em 1998, eu tava entrando no ensino fundamental, eu fui o primeiro da turma, né? De média, eu tirei uma média altíssima, eu fui o primeiro, me deram um quadro da seleção brasileira, com o Taffarel como goleiro, naquela época, sabe? E o segundo, deram um quadro da seleção argentina. Aí todo mundo gritava “Brasil é melhor que Argentina, a seleção brasileira”. Por quê? Porque eu era o primeiro com o quadro brasileiro e o segundo com o quadro argentino; então, veio essa ideia. É um povo apaixonadíssimo pelo Brasil. (Entrevistado Joseph, 2021).

Assim como no Brasil existe uma visão estigmatizada do Haiti (e de muitos países subalternizados), a mesma perspectiva exotizante é recebida no Haiti referente ao Brasil. A ideia do país do futebol, do carnaval e da “pacífica miscigenação racial” são as mais citadas pelos entrevistados. Eles relatam como sofreram choques de realidade ao chegarem ao Brasil e como perceberam a imensidão cultural que não sabiam que existia. A entrevistada Michelene fala sobre seu afeto com o futebol brasileiro e sobre a diversidade que encontrou no Brasil:

Eu aprendi sobre o Brasil que é o país do futebol. Lá no Haiti, eu gostava de assistir futebol. Eu sou muito fã do Brasil. Então, era meu primeiro olhar sobre o Brasil. E, quando eu cheguei aqui, eu vi que tem várias coisas

muito interessantes que eu tenho que aprender. Mas é um país bem aberto. Tipo, a diversidade cultural que tem aqui e a tolerância também que as pessoas observam um pra outro é muito interessante. E eu vi também que não é somente o país do futebol, mas é muito mais, muito amplo, e me encontrei. (Entrevistada Michelene, 2021).

Uma fala comum entre a comunidade haitiana que chega ao Brasil diretamente na região Sul do país, é sobre o choque ao encontrar temperaturas muito baixas e um contingente muito grande de pessoas brancas, características que não se encaixam com o “Brasil sonhado”, aquele que chega ao Haiti através das mídias, de praias, calor e pessoas negras. A fala do entrevistado Alexi é bastante impactante nesse sentido quando ele diz:

Quando os meus amigos estavam dizendo: “ah, você vai pro Brasil pra jogar futebol”. Mas porque o Brasil que era divulgado para nós, até então, era o país do futebol e do carnaval, mas quando cheguei no Brasil vi que era completamente diferente, porque, na verdade, eu achei que ia chegar num lugar, mar, pessoas na praia, todo mundo jogando futebol, felizes. Aí eu caí em Porto Alegre num frio de 5 graus. E quase morri, literalmente, porque eu não estava acostumado com o frio. Então, assim foi: eu cheguei, quando eu achava que ia ver um monte de pessoas de pele negras, mestiços. Quando eu cheguei e vi um monte de brancos, o frio eu pensei: “será que eu tô no Brasil mesmo?” Aí foi o primeiro choque que eu levei no Brasil. (Entrevistado Alexi, 2021).

Quando o entrevistado questiona-se se realmente está no Brasil, ele manifesta a forma como a realidade nacional brasileira é desconhecida, assim como a do Haiti é desconhecida no Brasil para além das visões estigmatizadas de miséria. O Brasil, também pela sua extensão continental, possui uma diversidade cultural imensurável e pouquíssimo conhecida, tanto dentro quanto fora do país.

A questão racial é um tópico frequentemente citado pelos entrevistados, o “Brasil sonhado” é um país negro, miscigenado e também branco, onde essa diversidade racial convive junta em equidade. O entrevistado Joseph (2021) comenta que decidiu, em diálogo com sua família, migrar para o Brasil, pois o país estava abrindo as portas e sendo visto como um país acolhedor e um país onde a diversidade é respeitada, pois ele diz que “[...] a gente sabia do Brasil pelo carnaval e pelo futebol, o país onde o negro brinca com o branco, onde o negro joga junto com o branco, é o país da felicidade, todo mundo no carnaval, sorriso no rosto”.

Dessa forma, o “Brasil sonhado” pela comunidade haitiana entrevistada era um Brasil que, apesar de não ser uma potência econômica, era um país acolhedor, um país com características culturais parecidas com o Haiti, um país alegre, com democracia racial, carnaval, praia e calor, um país em que apesar de a língua ser completamente diferente, seria possível ver identificações. O Brasil real trouxe surpresas, trouxe uma diversidade linguística e cultural que expandiu muito a ideia de Brasil, viver a realidade do país mudou a perspectiva: ele continua atrelado ao carnaval e ao futebol, mas também atrelado a diversas outras características. O entrevistado Alfred, que já morou em dois extremos do país, comenta como é interessante também o trânsito dentro do Brasil:

É uma coisa muito bom pra imigrante e pra brasileiro também, quando deixa a sua cidade e vai lá pra outra pra descobrir uma outra cultura, que vê que o Brasil é multicultural, que o Brasil é diverso, que o português é a língua; mas, quando tu chega em outra cidade, tu tem outras gírias pra conversar com o outro. (Entrevistado Alfred, 2021).

No entanto, o Brasil real trouxe também dores não imaginadas anteriormente, alguns desafios que são enfrentados todos os dias pela comunidade migrante.

## Brasil Real: as barreiras do racismo

O Brasil real tem também muitas coisas a serem melhoradas, segundo os entrevistados, assim como o Haiti. A questão racial é uma das que mais chocou o grupo de entrevistados, sendo que alguns acreditavam em um Brasil onde pessoas negras e brancas ocupavam espaços sociais igualitários, com equidade de oportunidades, não havendo discriminação ou, pelo menos, não havendo discriminação da forma que encontraram ao chegar ao Brasil.

O mito da democracia racial no Brasil é uma construção de séculos, iniciando no processo abolicionista brasileiro, no século XIX, com registros de viajantes que passavam pelo Brasil e relataram que os preconceitos de raça não existiam entre pessoas livres, mas os relatos de que os escravizados recebiam tratamentos mais brandos no Brasil são ainda anteriores a esta data. A concretização e a sistematização da ideia de democracia racial são consideradas na obra *Casa-grande & senzala* (1933) de Gilberto Freire. Apesar de o autor não utilizar o conceito, a obra cria uma ideia de um Brasil de fábula onde todos convivem harmoniosamente, sem relações de poder baseadas na raça, com oportunidades econômicas e sociais para brancos e negros, com as promessas de mobilidade social, e cuja oportunidade da população negra ascender economicamente era real:

O mito da democracia racial serviria, por conseguinte, para desarmar uma “bomba étnica”, ao amainar um potencial conflito entre brancos e não brancos, cegando os indivíduos negros com uma falsa impressão de que faziam parte da comunidade nacional, enquanto a estrutura de privilégios que historicamente os discriminou era mantida. (SILVA, 2015, p. 16).

Essa ideia de que o Brasil harmonizou de forma pacífica as relações de poder que envolvem as questões raciais e coloniais continua sendo vendida para o exterior como forma de paraíso racial, um país onde a cor da pele não define ou altera a realidade e as oportunidades. Segundo as reflexões

de Kabengele Munanga, essa é uma das maneiras como o racismo se forma no Brasil, ao mesmo tempo em que não assume a sua existência:

O mito proclamou no Brasil um paraíso racial, onde as relações entre brancos e negros, brancos e índios etc. são harmoniosas, isto é, sem preconceito e sem discriminação, a não ser de ordem socioeconômica, que atinge todos os brasileiros e não se baseia na cor da pele. Para se consolidar e se tornar cada vez mais forte, o mito manipula alguns fatos evidenciados na realidade da sociedade brasileira, como a mestiçagem, as personalidades míticas e os símbolos da resistência cultural negra no país. Ele vai afirmar que somos um povo mestiço – ou seja, nem branco nem negro e nem índio –, uma nova “raça” brasileira, uma raça mestiça. Quem vai discriminar quem se somos todos mestiços? (MUNANGA, 2019, p. 40).

Esse mito aparece nas falas dos entrevistados quando relatam o Brasil “sonhado”, enquanto o Brasil real demonstra que as dificuldades para negros alcançarem locais sociais de prestígio é gigantesca. O entrevistado Alexi comenta sobre a solidão que sente em todos os mais de 15 anos que vive no Brasil, pois não imaginava encontrar essa realidade racial tão forte e desproporcional:

A minha maior motivação pela política<sup>7</sup> [no Brasil] foi a inclusão, inclusão dos negros, porque eu senti muito, até agora eu sinto, muito a falta de negros em tudo que eu vou. Eu vou me formar na faculdade. Sempre é o único negro. Vai num trabalho, tu é o único negro. Tu vai fazer isso, tu é o único negro, sabe? Parece que tu é um bicho estranho, de outro planeta, quando você é um negro no Brasil, que se dá bem, que conquista as coisas. [...] No Brasil, você não vê uma referência de pessoa negra com sucesso. Todas as referências negras que você tem no Brasil, é desgraça. Um Brasil, com 51% de população negra: tu liga a televisão, tu só vê branco; tu vai num restaurante bom, só vê branco; tu vai numa festa boa, tu só vê branco. Escola boa, só tem branco. Gente, cadê os negros? (Entrevistado Alexi, 2021).

A realidade racial brasileira impacta a comunidade haitiana que cresce em um universo negro, em um país onde a negritude é identidade central, a negritude que fez Revolução, a identidade haitiana é uma identidade negra. Assim, quando os entrevistados falam sobre a realidade brasileira, eles refletem e comparam com a realidade racial haitiana, esta que, pelo processo de rompimento com a colônia, foi muito diferente do processo brasileiro. O entrevistado Alexi continua sua reflexão, dizendo que isso o fez ter ainda maior orgulho do Haiti, da forma como a Revolução Haitiana<sup>8</sup> “devolveu a humanização” do sujeito negro:

Então, cara, Brasil tem muita coisa boa; mas, a gente tem muita coisa boa também. E a vida boa não é só ter um emprego, mas também viver como um ser humano pleno, onde tu se sente orgulhoso. Então, eu tenho orgulho para falar para qualquer um que você vai no Haiti. Você vai ser discriminado por outra coisa, mas racismo não vai sofrer! Tenho certeza, isso aí, eu tenho absoluta certeza. Eu te garanto: isso não vai acontecer. Se você ir, não vai ser discriminado pela cor da tua pele, isso é um marco que é só no Haiti que a gente consegue manter isso, sabia? Só no Haiti a gente consegue manter isso, porque, se tu for ver, na República Dominicana você é discriminado pela cor da sua pele, nos Estados Unidos você é discriminado, no Brasil, qualquer outro país, até Angola... Como Angola e os países africanos que recém-saíram da escravidão, ainda tem essa coisa aí. Quando a pele for mais clara, a pessoa é mais bem tratada, tem alguns tipos de emprego. Mas no Haiti não, cara, você é você! Nós temos os nossos problemas sim; mas, pelo menos, a gente vive como ser humano. Se você é racista, no Haiti queima a casa, corta a cabeça e queima casa. E é isso. E cara, tu quer tirar minha humanidade? Então, eu tiro a tua vida. Não é a melhor forma de falar isso, mas o racismo é tão cruel quanto você matar uma pessoa. (Entrevistado Alexi, 2021).

Viver a realidade de outro lugar é observar aquilo que pode ser transformado para melhor no

seu país, mas também reconhecer aquilo que é bom e que pode ser levado também a outros espaços. O entrevistado Ionel também diz que para ele:

[...] o Brasil é um dos países mais grandes do mundo, mas também tem grande desafios. Um deles é esse: chegar no Brasil e descobrir que tem uma realidade racial tão forte, que me faz enamorar do meu eu, eu Ionel negro, eu Ionel haitiano, afrodescendente. (Entrevistado Ionel, 2021).

Quando estava comentando sobre a realidade que encontra no Brasil, o entrevistado Alexi realizou uma análise a partir da frase da obra literária *Senhores do Orvalho* (2020), do haitiano Jacques Roumain, que considera a frase de sua vida. Esta frase, dita pelo personagem Manuel, afirma que cada sujeito pode buscar aquilo que quer da vida se conseguir aproveitar as oportunidades, modelar o seu destino. No entanto, o entrevistado disse que apesar de os haitianos acreditarem nessa ideia, isso não vale para o negro brasileiro; segundo ele, no Brasil, apenas o branco é dono de seu destino, enquanto o negro é barrado pelas estruturas sociais:

Sabe a frase motivadora da minha vida, “*L’homme est le boulanger de sa vie*”, na parte onde ele tava procurando a questão da água, né? Aí chegou um ponto e o Manuel falou: “O homem é o modelador do destino”. Isso é o significado do que eu entendi, que é o “*L’homme est le boulanger de sa vie*”. [...] O que eu digo, que o homem é o dono do seu destino. Mas, no Brasil não, cara; o negro não é o dono do seu destino, porque o sistema, a forma que o sistema foi criado, o sistema criou, foi feito, para um tipo determinado de pessoas sobreviver: o branco. O branco vai trabalhar, vai estudar. O branco planeja a vida e vai dar tudo certo. Mas o negro não consegue, porque tu é barrado em tudo. (Entrevistado Alexi, 2021).

Nesta análise de Alexi, ele demonstra que a estrutura social e institucional no Brasil tem preceitos raciais, ou seja, não importa realmente qual o tamanho do esforço da população negra

no Brasil para alcançar um espaço de melhor qualidade de vida, formação, emprego etc., pois as estruturas são pensadas para que pessoas brancas obtenham maior sucesso e para que as pessoas negras permaneçam num lugar de subalternidade. Sílvia Almeida (2019) trabalha a constituição do racismo no Brasil e manifesta como as instituições representam e expressam o racismo social, subalternizando a população negra em diferentes categorias:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2019, p. 50).

É possível observar a retratação dessa realidade em diversas obras literárias brasileiras, principalmente de autoria de escritores(as) negros(as). As obras de Conceição Evaristo, por exemplo, denunciam a forma como o racismo no Brasil é ligado às estruturas resultantes do processo de colonização e limita as oportunidades da população negra a espaços sociais subalternizados. Na obra de Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2018), a personagem principal, uma mulher negra brasileira, narra a sua trajetória onde, independentemente do espaço em que busca oportunidades, no campo ou na cidade, as estruturas permitem a ela apenas espaços onde trabalha muito e os resultados para si, como melhoria das condições de vida, são mínimos:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da

luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. [...] E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2017, p. 30).

Neste sentido, o entrevistado Alexi (2021) conta que “tem uma música que eu fiz que é, que eu digo que existe morte cerebral, morte natural, morte financeira, profissional, aqui é a morte profissional, tu mata a carreira da pessoa”. Segundo ele, no Brasil, o racismo institucional e estrutural não dá possibilidade de a população negra ascender; por isso, ele reflete que “o negro não é o dono do seu destino no Brasil, porque o sistema que é o dono do destino do negro, ele modela o destino do negro”. A comunidade haitiana no Brasil enfrenta essa estrutura racial, sendo negros, além das outras características que os atravessam: estrangeiros, pobres que muito se esforçam para conseguir aprender a língua.

No conto de Itamar Vieira Júnior denominado *Meu mar (fé)*, presente na obra *Doramar ou a Odisséia: Histórias* (2021), a personagem haitiana que vive no Brasil chama-se Dominique e é quem ajuda a narradora do conto – uma imigrante que acaba de chegar do Senegal em uma viagem “ilegal” terrivelmente violenta – a entender um pouco do Brasil. Dominique alerta a amiga sobre como até mesmo os negros brasileiros sofrem racismo por aqui e que não se pode contar muito com a bondade dos brasileiros:

“Olhe ao seu redor e veja onde estão os brancos e onde estão os pretos”, eu observava, então, os edifícios. E ela continuava dizendo: “olhe à sua volta e veja como estão separados, como eles andam afastados, como as mulheres

negras andam atrás das suas patroas, segurando suas crianças. Olhe para as pessoas que tentam trabalhar e vão para a rua vender seus materiais, são quase todas como nós”. Ela andava rápido, mas atenta a todos os passos. “Já observou quem atende os portões dos prédios? Quem guarda os carros nas ruas? Quem dirige os ônibus?”, olhava para mim com os olhos vivos. “Sabia que as empregadas não podem usar os banheiros das patroas? Os engenheiros no Brasil cuidam de fazer um banheiro só para elas”. E concluía com pesar: “Aqui negro é um cidadão de segunda classe. Como nos Estados Unidos. Como na Europa”. (VIEIRA JUNIOR, 2021b, p. 104-105).

Apesar dessas dificuldades encontradas no Brasil real, os entrevistados também frisam que o Brasil foi acolhedor em diversas perspectivas e possibilitou para eles e muitos outros haitianos o que o Haiti, neste momento, infelizmente não está oferecendo: melhores condições de trabalho, estudos, saúde, vida em geral.

## **Descobrir-se a partir do “outro”: a mobilidade como forma de olhar a si**

Existe nestas reflexões um olhar e perspectiva de fora do Brasil, de quem também já viveu outras realidades, e ela torna possível observar as realidades locais e perceber a si mesmos. O entrevistado Alfred comenta sobre isso e como é grato por ter descoberto mais sobre ele próprio através das oportunidades que tem no Brasil:

Porque o país [Haiti], não o país mas os dirigentes, não ajudam, não dá essa oportunidade que o Brasil dá pra nós imigrantes. É por isso que eu agradeço muito o Brasil por isso, que abre tantas portas pra mim, até conhecer haitianos que eu não pensava conhecer, principalmente essa escritora que eu conheci, nem pensei que ia, que é a Lahens. Nem sei se eu ia conseguir assistir alguma coisa de Lahens ao vivo, mas eu acabei descobrindo aqui no Brasil e... É isso: Brasil é um país que acolhe sim, que abre porta para outros,

pra imigrantes. (Entrevistado Alfred, 2021).

Alfred (2021) cita que se descobre, no Brasil, que diversas características suas e do Haiti, ele foi capaz de perceber no Brasil, como quando fala da religiosidade haitiana Vodou, ele diz que “[...] eu venho conhecer o vodou no Brasil, olha só... Eu morava no Haiti e eu ouvi falar do vodou no Haiti, mas conhecer pessoalmente, conhecer, não conhecia”; assim, ele comenta que estar no Brasil possibilitou que ele conhecesse a si mesmo como sujeito e identidade haitiana e diaspórica, ou como ele diz “por isso que eu sempre falo que o Brasil é onde eu me descobri”.

Nesse sentido, estar em mobilidade é, necessariamente, repensar e reconsiderar a vida. O entrevistado Alfred realiza um comentário neste sentido, quando diz que “[...] ser um migrante é ser um pensante, porque tu vai pensar sobre a sua cultura, de onde tu vem, pensar nessa diversidade com a cultura, esse impacto cultural que tu vai ter” (entrevistado Alfred, 2021). Ser um ser pensante, conhecendo a realidade do outro, é um impulso para repensar a própria realidade.

A potência dessas afirmações realizadas pelos entrevistados demonstra que o processo de conhecimento de si mesmo a partir da convivência e da vivência na realidade do outro, está ocorrendo também no Brasil atualmente com a comunidade haitiana. Conhecer outros lugares através das mídias ou da literatura é uma forma de se aproximar delas. Mas, segundo o entrevistado Ionel, viver a realidade é o que faz você conhecer realmente outro lugar e apaixonar-se por ele:

Porque o contato com uma cultura através da tecnologia, através do livro, não é suficiente, porque falta a convivência. Você conhece o outro quando passa a conviver com ele. Lembra: no início, eu falei que conheci o Brasil, apaixonei no Brasil na mídia. Quando eu entrei no Brasil, conheci outro Brasil. Então a convivência é fundamental, criar um vínculo. Na literatura você pode pegar o livro, vai

ler, você tem um vínculo com o livro, mas não com o povo. O que a gente tá fazendo aqui é mais forte que a teoria. [...] Então, quando você toca a realidade, você passa a conviver com a realidade, passa a conhecer a realidade, você acabando se enamorar com a realidade. (Entrevistado Ionel, 2021).

O entrevistado comenta, nessa passagem, sobre como o contato com a realidade cria outra dimensão daquilo que conhecemos através das mídias e da literatura. Dessa forma, além de a comunidade haitiana perceber a si mesma nesse processo de mobilidade, conhecendo sua própria cultura através do olhar do outro, nós, como Brasil e brasileiros, também conhecemos mais de nós mesmos com a presença dos imigrantes aqui no Brasil: de certa maneira, nós também podemos conhecer nossa própria cultura através do olhar do outro, do olhar do imigrante, que se formou em outro processo cultural, social, político, econômico etc. Essa troca representa muito do que a circularidade de pessoas e de ideias representa a partir dos movimentos migratórios no sentido de que a reflexão de si começa na troca. Conhecendo o outro, conhecemos nós mesmos; e, a partir destes contatos, podemos pensar em melhores projetos de sociedade para todos, um Brasil e um Haiti reais, mais próximos dos sonhados.

Esse Brasil “sonhado” e real, elaborado através das experiências da comunidade entrevistada, levanta semelhanças e diferenças entre os países em contato, Brasil-Haiti, e evidencia a atualidade de problemas sociais que são ainda um doloroso reflexo do colonialismo em ambos os países. O Brasil tornou-se também a casa da comunidade diaspórica e ela também necessita ser melhorada, para que todos, brasileiros e estrangeiros, possam ter uma melhor qualidade de vida. O Brasil real é uma realidade dura para esta população, ainda tem muito caminho a percorrer para tornar-se um pouco mais parecido com o “Brasil sonhado”, mas não é necessariamente impossível que ele se torne real.

## Conclusões

O Brasil “sonhado” e o real, significados neste texto a partir das reflexões de imigrantes haitianos que vivem no Brasil, têm uma nomenclatura que parte do universo cultural caribenho, sobre as reflexões de intelectuais e literatos sobre países reais e sonhados no Caribe. Opto por essa reflexão utilizando esses referenciais caribenhos exatamente porque, dentro das reflexões realizadas pelos imigrantes haitianos, o Brasil não é apenas um, ele é múltiplo, e carrega, assim como o Haiti, a diversidade produzida de forma violenta por um sistema colonial, mas que resistiu, seja em forma de luta armada ou luta pela memória, de perpetuar reinados africanos, religiosidades, crenças e histórias apesar de todas as tentativas de apagamento, assim como o Haiti.

Ressalto essas questões aqui nas conclusões, pois há uma ideia enraizada no Brasil de levar como ataque as críticas realizadas por populações migrantes, como se não houvesse neles o direito de observar e criticar aquilo que percebem como negativo no país onde vivem. E, além de ressaltar que as populações migrantes podem e devem realizar críticas ao país onde residem, neste caso o Brasil, ressalto que o fazem como um sinal de respeito e agradecimento pelo espaço de acolhimento: assim como querem melhorar o Haiti, é possível observar a vontade de colaborar também para um Brasil melhor. Ainda, e não menos importante, esta reflexão demonstra como a crítica realizada pela população migrante é resultado de décadas de gerações que migram, que conhecem, observam, estudam outros países e as dinâmicas internacionais, e que ouvir aquilo que eles têm a dizer sobre o Brasil não é apenas um direito deles exercido, mas uma análise que devemos ouvir, trazer para os debates públicos e acarretar como necessária para a nossa formação de país.

As migrações humanas ao longo da história foram atividades que geraram transformações em estruturas sociais e culturais; por vezes, rapidamente e, por outras, lentas, aos poucos. Quando sujeitos e grupos humanos migram, carregam mundos e universos e os colocam em

contato com outros. Os intelectuais caribenhos que pensam as diásporas refletem como esses movimentos têm papel importante na circulação de ideias, de conhecimentos e, conseqüentemente, de propostas de sociedades mais justas.

Nesse sentido, concluo que a presença haitiana no Brasil na última década vem proporcionando diversas reflexões sobre nossas condições como América-Latina e Caribe, sobre nossas condições ainda coloniais dentro das estruturas econômicas, e vem aproximando as culturas dos países, mas vem também gerando reflexões sobre o Brasil como o país que foi o último a abolir a escravização de pessoas, como o país que tentou embranquecer a população, como o país que vende, até o presente, a ideia de uma “mistura de povos”, que vive em equidade e igualdade de direitos. O olhar do “outro”, que agora também é daqui, reforça a urgência de que nós precisamos atuar na transformação do Brasil. Mobilidade é, por excelência, transformar.

## Notas

1 Este artigo é parte dos resultados de minha pesquisa de dissertação, denominada “Senhores do Orvalho na Bagagem: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, financiada pela CAPES. A referência completa está listada ao final.

2 Denominação dada no Haiti para o que está além-mar, estrangeiro.

3 Os nomes aplicados aos entrevistados são fictícios. As informações sobre eles(as), assim como maiores informações sobre a metodologia utilizada na realização das entrevistas, podem ser acessadas no texto completo da dissertação já mencionada em nota.

4 A situação desta condição no Haiti, neste momento, é consequência de uma complexa estrutura fragilizada desde a Revolução Haitiana (1804) e as intensas tentativas de controle exterior no país que sucederam deste evento histórico para o plano continental e mundial. Para aprofundamento nestas reflexões, indico leitura do texto “Haiti: Uma história de instabilidade política” de Vanessa Braga Matijascic, listada ao final.

5 Tradução minha. No original “*Ce pays rêvé est sans doute, celui dont tout homme rêve, par rapport à celui dans lequel il vit. Ici, ce pays rêvé est l’Afrique, dont a rêvé plus*”

*d'un Antillais, et ce pays réel, pou ce qui est de ce poète, la Martinique*”.

6 Considerando estas reflexões, utilizarei no texto o termo Brasil sonhado (ou apenas sonhado, dependendo da situação textual) entre aspas, para identificar que não tem o sentido literal e sim, literário.

7 O entrevistado Alexi tem histórico de participação política e ativista, sendo inclusive candidato e vereador suplente na cidade de Porto Alegre/RS.

8 Para maior compreensão do processo revolucionário haitiano e seus impactos na estrutura mundial, indico a leitura de *Os Jacobinos Negros*, de C.L.R James e *Silenciando o passado*, de Michel-Rolph Trouillot.

## Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BBC NEWS BRASIL. **PIB do Brasil cresce 7,5% em 2010 e tem maior alta em 24 anos**. 2011. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/03/110303\\_pib\\_2010\\_rp](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/03/110303_pib_2010_rp). Acesso em: 05 fev. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília: 2012. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083#:~:text=1%C2%BA%20Ao%20nacion%20do%20Haiti,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico>. Acesso em: 09 jan. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GLISSANT, Édouard. Pays Rêvé, Pays Reel. **Présence Africaine**, N/C, n. 136, 4e TRIMESTRE, p. 170-172, jan. 1985a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i24348004?refreqid=excelsior%3Afed77137eaa9eeb93d0a7949cd44f6d7>. Acesso em: 05 mar. 2021.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2013.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora**. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015a. 430 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, Joseph. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, [S.l.], v. 21, n. 43, jun. 2015b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/yGY4hRnhhXcNWHsDTH7khRD/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2023.

JAMES, C. L. R.. **Os jacobinos negros**: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2010.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Tradução e posfácio de Heloisa Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

LAHENS, Yanick. LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

MATIJASCIC, Vanessa Braga. Haiti: Uma história de instabilidade política. **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**, Franca, set. 2010. Anual. Disponível em: [http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXXEncontro/PDF/Autores\\_e\\_Artigos/Vanessa\\_BragaMatijascic.pdf](http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXXEncontro/PDF/Autores_e_Artigos/Vanessa_BragaMatijascic.pdf). Acesso em: 22/03/2018.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 33-44.

ROUMAIN, Jacques. **Senhores do Orvalho**. São Paulo: Carambaia, 2020.

SILVA, Mateus Lôbo de Aquino Moura e. Casa-Grande & senzala e o mito da democracia racial. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39., 2015, Caxambu Mg. **Anais**. Caxambu MG, 2015. p. 1-24. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt28/9704-casa-grande-e-senzala-e-o-mito-da-democracia-racial/file>. Acesso em: 16 fev. 2022.

STAUDT, Taíse. **Senhores do Orvalho na Bagagem**: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil. 2022. 185 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Curso de Programa

de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6643>. Acesso em: 13 out. 2022.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a Odisseia**: histórias. São Paulo: Todavia, 2021b. 160 p.